

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DO GÊNERO CARTA ABERTA: PRÁTICAS E DESAFIOS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Jéssica Inácio Soares
Dra. Ana Claudia Soares
Dra. Tatiana Sant'anna

RESUMO

A formação inicial do professor se entrelaça com práticas que são reinterpretadas e preparam os futuros educadores para a prática docente. Nesse contexto, as reflexões compartilhadas neste relato de experiência foram conduzidas pelos residentes que atuaram na Escola Municipal CEAI Dr. João Pereira de Assis, localizada em Campina Grande, PB, acerca do processo de escrita do gênero Carta Aberta com turmas do 7º ano. Ancorados na perspectiva de Geraldi (2007), Freire (1997), Antunes (2003) e Koche (2004), refletimos sobre as práticas de produção textual e a criticidade a ser desenvolvida durante o processo de ensino. Por meio de uma metodologia ativa, na qual os estudantes identificaram e escreveram sobre problemas sociais, identificamos que o ensino precisa transcender o espaço escolar e o trabalho com os gêneros textuais deve estar intimamente relacionado aos contextos em que estamos inseridos - professores, alunos e comunidade escolar, pois, dessa forma, o ensino adquire significado e promove reflexões que se aplicam à vida.

Palavras-chave: formação; reflexão; escrita; reescrita; ensino.

INTRODUÇÃO

O programa Residência Pedagógica é um espaço acadêmico voltado para a formação inicial de professores, por meio da prática, para o exercício da docência. Nesse sentido, as experiências do presente relato se referem a nossa atuação na escola CEAI – Dr. João Pereira de Assis, localizada na cidade de Campina Grande, na Paraíba, entre o período de outubro de 2022 a março de 2024 com turmas de 7º ano do ensino fundamental.

O processo de escrita e reescrita em sala de aula é reconhecido como uma tarefa desafiadora, dadas as dificuldades enfrentadas no contexto escolar, como a falta de motivação dos alunos e a necessidade de cumprir o calendário escolar. Entendemos que a escrita é um processo gradual que requer tempo e colaboração. Nesse contexto, as experiências vivenciadas durante o último trimestre do ano letivo de 2023 na Escola Dr. João Pereira de Assis foram fundamentais para o nosso desenvolvimento como professores no que diz respeito ao aprimoramento da escrita em sala de aula e por este motivo foram selecionadas para serem refletidas nesse relato.

Ancorados na perspectiva de Geraldi (2011), Freire (1997), Antunes (2003) e Koche (2004) vivenciamos o processo de escrita e reescrita textual em sala de aula a partir do trabalho com o gênero Carta Aberta. As ações desenvolvidas transcenderam os muros escolares, pois, por meio delas, acionamos a criticidade dos nossos alunos frente às suas realidades sociais a fim de identificar e propor soluções para temáticas atuais e que se fazem presentes dentro e fora do ambiente escolar.

DESENVOLVIMENTO

A princípio o nosso trabalho partiu da elaboração de uma sequência didática com oito aulas sobre o gênero Carta Aberta. Nossa proposta foi aplicada para uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental II, em uma sala com aproximadamente 30 alunos, cujos contextos sociais eram diversos. Assim, buscamos compreender o ambiente circundante dos estudantes, visando integrar elementos de criticidade, inerentes ao referido gênero textual, às suas próprias experiências e às atualidades midiáticas a que estavam expostos.

Optamos por iniciar o trabalho com um fato de grande impacto na comunidade escolar: a tragédia ocorrida em uma creche em Blumenau, na qual um indivíduo invadiu o local e provocou danos à vida de crianças e educadores. Esse incidente desencadeou uma onda de desinformação, com a propagação de notícias falsas sobre possíveis ataques semelhantes a outras escolas públicas, gerando uma comoção social que afetou o estado emocional dos estudantes. Na primeira aula, exploramos esse acontecimento e promovemos a leitura coletiva de uma carta aberta que abordava o ocorrido, proporcionando um espaço de discussão e reflexão sobre as complexidades envolvidas.

Nessa abordagem metodológica, ainda não estávamos inserindo elementos estruturais da Carta Aberta, mas, propositalmente, demarcamos as cartas impressas em cores diversas. O uso dos recursos visuais, visava segmentar os aspectos macroestruturais presentes no Gênero Carta Aberta. Essa estratégia foi adotada, sobretudo, para atender alunos que possuíam dificuldades de concentração e que se dispersavam facilmente se perdendo ao longo das explicações, assim, as cores os guiavam. No entanto, à medida que prosseguíamos com essa estratégia, percebíamos que ela facilitava o entendimento de toda a turma, pois os ajudava a se localizar, além de provocar a curiosidade, visto que, não raro, ouvíamos perguntas a exemplo de: “o que significa essa cor verde?” “O que significa essa cor azul?” “Tia, a introdução é tudo isso que está na cor amarela?”, antes mesmo de iniciarmos as discussões.

Nas primeiras aulas da sequência solicitamos aos alunos que pensassem em um tema que poderíamos abordar na próxima aula, isto é, algo que representasse um problema

social que precisasse ser resolvido. Dessa forma, estaríamos conduzindo a turma à criticidade, elemento chave para a escrita das produções textuais que solicitaríamos nos encontros seguintes. Conduzir o aluno a esse olhar sobre o mundo e sobre a realidade que o cerca estabelece uma ponte entre o ensino e aprendizagem e dialoga com a necessidade de uma educação crítica (Freire, 1997) capaz de fazê-lo analisar, compreender e questionar as ações sociais, pois somente dessa forma poderão agir e transformar tal cenário.

Os alunos apresentaram diversos temas sociais e relevantes que eram um problema social como a violência contra a mulher, o aborto, a poluição, porém, o viés mais recorrente entre os alunos foi o bullying, vivenciado, segundo eles, todos os dias na escola. Fomos refletindo sobre a temática e sobre a forma como a mesma se manifestava no ambiente escolar, selecionando quais pessoas poderiam intervir e o que poderíamos fazer para resolver o problema ou melhorar aquela realidade.

Nos encontros seguintes, os estudantes foram conduzidos a escrita individual de uma carta aberta sobre a temática pesquisada em casa e apresentada por eles. Antes das produções, conversamos sobre alguns temas e eles expuseram seus argumentos sobre o porquê daquele assunto ser um problema social. A pesquisa realizada por eles direcionou o processo de produção textual das cartas e as reflexões coletivas sobre suas temáticas, organizaram as suas ideias, antes mesmo delas irem para o papel, pois “para escrever bem, é preciso, antes de tudo, ter o que dizer, conhecer o objeto sobre o qual se vai discorrer” (ANTUNES, 2003, p.70).

Toda a produção foi realizada em sala de aula e com a intermediação das residentes que sempre tiravam dúvidas e realizavam algumas adequações textuais. Tínhamos o cuidado de não somente comentar sobre os erros micro e macroestruturais, mas dialogar sobre os argumentos que eles estavam selecionando, parabenizá-los e incentivá-los nos registros de suas abordagens.

Conseguimos realizar o processo de análise macroestrutural e microestrutural dessas cartas, contemplando aspectos que precisavam de melhorias. Essa etapa foi de grande valia para nosso crescimento profissional, pois a correção dessas produções nos ajudou a perceber as dificuldades individuais dos alunos a fim de melhorá-las.

Nos textos de cada aluno fomos indicando os aspectos que precisavam de melhorias e individualmente conversamos sobre os ajustes que os seus textos necessitariam. Sendo assim, partimos para o processo de reescrita, cientes de que para efetivação do processo de produção textual, há a necessidade do trabalho de reescrita, pois somente por meio dele os alunos poderão analisar os seus próprios textos e compreender aspectos gramaticais e ortográficos.

Assim, o trabalho de reescrita auxilia na reflexão do aluno sobre sua prática textual, visto que “a reescrita, portanto, exige a leitura, a análise, a reflexão e a recriação. O texto pode até ser consequência de uma inspiração, de um primeiro impulso, mas será retomado, repensado e recriado” (KOCHE, 2004).

O processo de reescrita foi realizado em sala com o auxílio de algumas estratégias. Realizamos uma análise das produções a fim de identificarmos os erros mais comuns e a partir deles elaborar uma aula pautada na retomada desses critérios (microestruturais e macroestruturais). Sendo assim, após reunirmos esses dados, utilizamos uma das cartas para realizarmos a reescrita coletiva. Os alunos participaram efetivamente do processo à medida que refletiam sobre os desvios e as melhorias que a carta necessitava, ou seja, entendíamos que não somente deveríamos apontar os erros e corrigi-los, mas, em detrimento, ajudar nosso aluno a refletir sobre aquele desvio. Logo em seguida, os discentes receberam suas produções e partiram para a reescrita individual com o auxílio das residentes.

Reunimos as versões finais de suas produções em um documento digitalizado, a fim de fugirmos da situação artificial que é a produção de textos na escola, e dialogando com eles sobre a importância de divulgarmos aquele trabalho, “afinal, qual a graça em escrever um texto que não será lido por ninguém ou que será lido apenas por uma pessoa (que por sinal corrigirá o texto e dará nota para ele)?” (Geraldi, 2011). Dessa forma, as produções foram reunidas em um livreto a fim de serem divulgadas para a comunidade escolar.

Ao compararmos a primeira escrita com a reescrita, observamos os avanços dos educandos, principalmente em se tratando dos aspectos microestruturais que permeiam o gênero, observamos uma escrita mais coerente, assertiva e crítica. Outrossim, há uma melhor abordagem dos aspectos gramaticais, pois, por meio de seus próprios textos, os alunos organizaram alguns aspectos referente à análise linguística. A seguir, inserimos duas versões de uma mesma carta produzida por uma aluna do 7º ano. O tema escolhido foi a violência contra a mulher.

Temática: Violência contra mulheres

Campina Grande 12/11/23
O prefeito de Campina Grande
que se relaciona sobre os casos de violência contra mulher
ocorridos em Campina Grande, as mulheres que
frequentemente publicam seu site mesmo em caso
de sofrerem violência de todos os tipos, o fato
de uma pessoa ser do gênero feminino não
de espaço para sofrer violência, em nome
de todas as mulheres pois que sofrem com
o medo de presteço as mulheres para
que possam andar despreocupado em
lugares públicos.



Imagem 03: fragmento textual da primeira escrita desenvolvida por um dos alunos.

Após a segunda versão, conseguimos observar o avanço textual da aluna e a coerência de suas informações além da adequação à estruturação do gênero. A seguir, a versão final do texto digitalizado no livreto de cartas abertas produzidas pela turma.

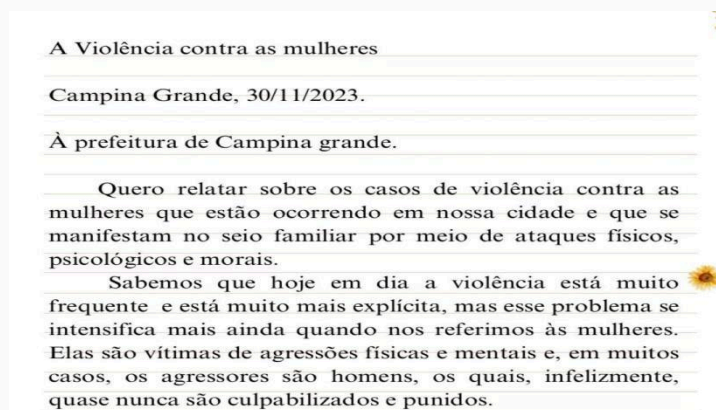


Imagem 03: fragmento textual da segunda versão do texto da mesma aluna.

Nossa última ação foi acionar os problemas identificados pelos alunos nas primeiras aulas que antecederam as produções enfatizando que, dentre os temas selecionados, o mais recorrente foi o bullying que, segundo eles, era algo recorrente na própria escola. Assim, tendo em vista a problemática social, conduzimos, de forma coletiva, a produção de uma carta aberta a respeito da temática. A escrita coletiva auxilia no processo de ensino de um gênero textual, haja vista que por meio dela, os alunos diminuem as suas inseguranças e se engajam em um processo de reflexão e diálogo, desenvolvendo suas habilidades de escrita e pensamento crítico ao mesmo tempo (Freire, 1997). Outrossim, a Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 95), aponta que:

Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema.

Logo, essa estratégia, além de estar inserida em documentos oficiais que norteiam o ensino brasileiro, se mostrou eficaz na sala de aula, pois, por meio dela, observamos o interesse dos alunos em propor ideias e argumentos convincentes para a produção da carta, além disso, por meio dela, conseguíamos retomar elementos presentes na estruturação do gênero. Por escolha dos alunos, a carta aberta foi endereçada aos próprios discentes da escola CEAI. Além disso, os alunos organizaram essa produção em uma cartolina e foram até as salas da escola divulgá-la para a comunidade escolar.

Essa ação colocou em prática a criticidade e o protagonismo dos alunos, além de dialogar assertivamente com a proposta do gênero trabalhado em sala e incentivar a participação social dos jovens na resolução de problemas coletivos. Outrossim, a ação demonstrou que as aulas de linguagens podem transcender o espaço escolar e que o trabalho com os gêneros textuais podem e devem estar atrelados aos contextos sociais com os quais estamos inseridos (professores, alunos e comunidade escolar), haja vista que somente dessa forma o ensino será capaz de fazer sentido e trazer reflexões para a vida.

CONCLUSÃO

O trabalho com texto em sala de aula, especialmente no contexto da prática de produção textual, é desafiador. Ao longo das experiências proporcionadas pelo Programa Residência Pedagógica, e especialmente a relatada anteriormente, pude perceber o caráter tridimensional do ensino. Ele não ocorre de maneira isolada, mas sim de forma coletiva. É necessário haver uma conexão entre professor, aluno e realidade social, pois o ensino só alcança sua plena funcionalidade quando é concebido para além dos limites da sala de aula.

O Programa Residência Pedagógica enfatizou, por meio da reflexão sobre a prática, o caráter coletivo e contínuo da construção da docência. Durante o período de 1 ano e 6 meses, essa experiência foi fundamental para minha jornada profissional, permitindo-me a revisão de conceitos, aplicação de teorias e a reflexão sobre minhas práticas em sala de aula. A elaboração de sequências didáticas e a orientação tanto teórica quanto prática fornecida pela preceptora e por nossa orientadora guiaram meu desenvolvimento e me levaram a questionar a professora que almejo me tornar. Assim, o programa desempenhou um papel crucial em minha formação inicial e na preparação para minha futura atuação como docente, ao apresentar os desafios e as vivências do ambiente escolar.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. Aula de Português: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: Acesso em: 03 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17ª Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GERALDI, J.W. (org.). O texto na sala de aula: leitura & produção. Cascavel: Assoeste, 2011.

KÖCHE, Vanilda Salton; PAVANI, Cinara Ferreira; BOFF, Odete Maria Benetti. O processo de reescrita na disciplina de Língua Portuguesa Instrumental. Universidade de Caxias do Sul, 2004.

